

# O PREJUÍZO DA SEMIFORMAÇÃO E O COMPROMETIMENTO DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

## THE PREJUDICE OF THE SEMIFORMATION AND THE COMMITMENT OF THE FORMATIVE EXPERIENCE

Gabriel Lujan Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda o processo que orientou o conceito de formação (*Bildung*) inserido no contexto do idealismo alemão, sobretudo na figura do filósofo Kant, que através de sua filosofia educacional contribuiu para consolidar o sentido de formação cultural (*Bildung*) até desembocar no que na contemporaneidade é definido por Adorno como semiformação (*Halbbildung*). A esperança de uma sociedade livre e justa que os filósofos racionalistas do idealismo alemão almejavam, não se realizou, como bem nos mostra Adorno ao fazer a crítica da *semiformação*, desvelando as contradições imanentes ao progresso da razão, porque na ânsia de uma razão instrumental que a tudo visa dominar, na realidade promove a opressão e destruição da experiência formativa, num processo que articula progresso e regressão à barbárie. A educação permeada pelos interesses de uma adequação do sujeito a ordem vigente, representa uma danificação formativa que coloca em xeque a experiência dos indivíduos, condicionando-os a desarticular os aspectos subjetivos que possibilitam a efetivação do caráter emancipatório da formação baseada na crítica da semiformação.

**Palavras Chave:** Teoria Crítica. Semiformação. Experiência.

**Abstract:** This article approaches the process that guided the concept of formation (*Bildung*) inserted in the context of German idealism, especially in the figure of the philosopher Kant, who through his educational philosophy contributed to consolidate the sense of cultural formation (*Bildung*) which in contemporary times is defined by Adorno as semiformation (*Halbbildung*). The hope of a free and fair society which the rationalist philosophers of German idealism sought did not come true, as Adorno shows us in making the critique of semiformation, revealing the immanent contradictions to the progress of reason, because in the eagerness of an instrumental reason everything aims at dominating, in fact it promotes the oppression and destruction of the formative experience, in a process that articulates progress and regression to barbarism. Education permeated by the interests of an adequacy of the subject to the current order represents a formative damage that puts the experience of individuals in check, conditioning them to disarticulate the subjective aspects that make possible the realization of the emancipatory character of the formation based on the criticism of the semiformation.

**Keywords:** Critical Theory. Semiformation. Experience.

### 1. Introdução

A Escola de Teoria Crítica oferece importantes contribuições acerca das transformações que acompanharam o desenvolvimento da modernidade e o ideário de racionalidade por ela pretendido, ressaltando os limites dessa racionalidade moderna da

---

<sup>1</sup> Unesp-Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. CNPq. E-mail: lujanzinho\_182@hotmail.com

maneira como se consolidou, perdendo o seu potencial de emancipação dos indivíduos e recaindo numa reconfiguração das disputas por poder e manutenção do *status quo*. Esse movimento contraditório foi intitulado por Adorno e Horkheimer como primazia da *razão instrumental*, que se configura para atingir meios e fins que não são subjugados a uma ética de uma racionalidade mais universalista, que leve em consideração o progresso humano como um todo.

Horkheimer (1947) coloca ainda essa relação de meios e fins da racionalidade instrumental como primazia de uma razão subjetiva, ancorada nos interesses individuais, em detrimento de uma razão objetiva, preocupada em uma ética universalista que respeite os direitos humanos e o progresso humano. Esses teóricos do século XX a partir dos acontecimentos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, preocupam-se em refletir como foram possíveis acontecimentos como o Holocausto, a bomba atômica, a devastação da natureza, como processos de desdobramento modernos que invalidam a crença no progresso da Razão dos filósofos do Iluminismo.

Neste trabalho, discutiremos o impedimento da realização da formação nos termos da *Bildung*, conceito historicamente construído no solo cultural alemão que teve atenção de alguns teóricos ao longo do século XX no que diz respeito à sua obnubilação através da ascensão da razão instrumental. Os filósofos da escola de Frankfurt preocuparam-se em recuperar as discussões sobre razão e emancipação humana, reconfigurando-as a partir dos acontecimentos e das relações sociais de seu tempo.

Em um segundo momento, abordaremos o conceito de experiência e seu declínio na modernidade, como debate fundamental para o entendimento dos impasses que a semiformação gera nos processos educacionais e formativos. Walter Benjamin e Adorno demonstram que a experiência que é fundamental para o processo de formação dos indivíduos, vem sendo relegada ao segundo plano, tendo em vista que a racionalidade instrumental predominante, exclui de seu modelo a fruição estética e a sensibilidade como um todo, numa pretensão de objetividade científica que anula a potencialidade criativa a memória e a autonomia dos sujeitos.

Por fim, a partir das discussões desse conjunto de pensadores, ressaltamos a importância de uma educação para a formação dos indivíduos que não se contente com sua mera adaptação da cultura aos meios econômicos de produção e consumo. No que diz respeito à Adorno, o grande desafio educacional de hoje, não é a concretização de uma educação idealista, para a emancipação, mas a crítica da semiformação tal como se

apresenta na sociedade contemporânea, como possibilidade de ampliação dos horizontes formativos.

## 2. O percurso da formação (*Bildung*) à razão instrumental

O conceito alemão de formação (*Bildung*) surgiu na Alemanha no final do século XVIII. No decorrer da história alemã, este conceito assumiu diferentes cargas conceituais, dada as suas aplicações no campo da pedagogia, da cultura, da sociedade, e nas reflexões sobre o homem e o Estado. Willi Bolle em seu texto *A ideia de formação na modernidade* publicado em 1997 na coletânea *Infância, escola e Modernidade*, demonstrou a complexidade que esse conceito assumiu na filosofia alemã, e acentuou a dificuldade de encontrar equivalentes para o conceito de formação (*Bildung*) em outras línguas, tendo em vista que esse conceito evoluiu através dos filósofos do idealismo alemão como Winckelmann, Herder, Kant, Schiller, Goethe, Hegel, Nietzsche etc.

Nas obras dos autores alemães a presença da ideia de formação do indivíduo e também da formação cultural, demonstrou a preocupação que eles tiveram com a ideia de cultura e formação, próprias do contexto das transformações que a Alemanha e a Europa passava com a Revolução Francesa (1789). A Alemanha daquele tempo que ainda não era unificada, buscou ditar caminhos para a classe burguesa emergente, a partir da radicalização contra os poderes absolutistas.

Até o século XVIII, a palavra *Bildung* era utilizada para se referir a uma produção exterior, mas essa interpretação do conceito mudou conforme a secularização do cristianismo no contexto do Iluminismo (*Aufklärung*), quando a palavra *Bildung* passou a compor o ideal do esclarecimento. Assim, o sentido semântico da palavra *Bildung* mudou e então deixou de ser compreendida como uma produção exterior e passou a ser entendida como uma construção interior, psíquica, mental e espiritual.

A palavra *Bildung* de maneira genérica significa cultura, e nesse sentido pode ser entendida analogamente à palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, a palavra *Kultur* remete-se às relações humanas objetivas, enquanto a *Bildung* se refere às transformações na esfera subjetiva, como um processo de formação. Dito isso, veremos que o conceito de formação (*Bildung*) assumiu um importante significado através da filosofia educacional de Immanuel Kant, quando notamos a sua relação com a ideia de “*Maioridade*”.

Com base nessa definição que o conceito de *Bildung* adquiriu através do Iluminismo (*Aufklärung*), ele obtém importante relevância através de Kant, que em seu artigo publicado em 1784 intitulado “*Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?*”, responde que o esclarecimento “é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado” (KANT, 1974, p.100). Kant define o conceito de menoridade como a incapacidade de o indivíduo fazer o uso de sua própria razão, ou seja, o indivíduo é incapaz de fazer o uso de seu entendimento sem depender da tutela de outrem, não por falta de entendimento, mas por covardia e falta de coragem. Para Kant, por um lado existe uma maioria que se acomoda em não se responsabilizar por suas decisões, e por outro, existem indivíduos que se colocam na posição de tutores, pois fazem o uso de seu próprio pensamento como forma de governar as suas decisões no contexto vivido.

Através do uso da razão, o homem pode se livrar dos tutores e assim agir com autonomia sem ser guiado por outrem. Por mais que exista uma dificuldade nesse processo de desprendimento do homem de sua condição de tutelado, Kant apregoa que o indivíduo que faz o uso de sua razão pode se tornar sujeito de seu próprio caminho, através do esforço do seu desenvolvimento formativo que pelo cultivo do intelecto e da lapidação do caráter, pode seguir seguramente através da luz da razão.

Para Kant, o esclarecimento (*Aufklärung*) é um processo que deveria ser constante e evoluir como um dever do estado e da sociedade civil, que através dos indivíduos promoveria uma educação que almeja sempre a sua superação. A partir dessa leitura de Kant, notamos a relação entre Esclarecimento (*Aufklärung*) e formação (*Bildung*), de modo que o *Aufklärung* reforça o que aspira a formação (*Bildung*), como meio de atingir a maioridade – a autonomia – em que os indivíduos passassem a assumir uma posição de se servirem do próprio entendimento, almejando a liberdade que por via de sua verdadeira consciência, não se deixaria agir passivamente em aderir a qualquer força social, a leis e instituições, sem que antes faça o julgamento por si próprio do que é bom ou ruim. Por fim, notamos a importância do desenvolvimento formativo para os indivíduos, não somente para os indivíduos que vivem isoladamente mas para uma sociedade esclarecida, que quanto mais lúcido o particular mais lúcido o todo. Através do uso público da razão, o indivíduo pode manifestar o pensamento para a transformação da sociedade, como possibilidade de emancipação coletiva formada por cidadãos esclarecidos.

Entretanto, Adorno ao tratar sobre a ideia de emancipação ou de “homem emancipado” salienta sobre os riscos que esse conceito pode trazer ao ser convertido

num ideal orientador. Sobre esse problema, Adorno (2001) lida com essas questões nos estudos das aporias relacionadas ao conceito de autonomia no campo da filosofia moral no seu trabalho *Problems of moral philosophy*.

Maia (2012) se propôs a aprofundar com base no conjunto de conferências ministradas por Adorno sobre os problemas da filosofia moral, o sentido das aporias relacionadas ao conceito de esclarecimento e da filosofia moral kantiana. Tendo em vista que os textos de matriz adorniana e os próprios trabalhos do autor considera relevante o conceito de esclarecimento apresentado por Kant, em “*Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento (Aufklärung)?*” se faz mister ponderarmos algumas dificuldades apontadas por Adorno relacionada à contradição presente no conceito de *Maioridade* política e autonomia.

Segundo Maia (2012), o problema fundamental da filosofia moral que Adorno analisa, é a divergência entre os interesses do particular e a lei representante do universal.

Uma vida boa não pode existir em condições nas quais não há convergência, nem sequer num horizonte normativo utópico, entre particular e universal. Mas a resistência a uma individualização heterônoma, assim como às diversas formas de moralidade repressiva que existe na sociedade, tampouco é possível sem alguma representação da vida boa, como argumenta Schweppenhauser (2004), a respeito da filosofia moral de Adorno. O horizonte normativo é pensado por Adorno não como uma representação positiva da vida boa, mas como uma filosofia moral negativa; a norma, portanto, é criticada, e o que resulta é uma negação determinada da moralidade em sua dimensão repressiva e ideológica; ela tem um caráter teórico, e isso significa que tampouco se trata de uma regra de ação, um modelo a ser imitado, mas de uma reflexão que demanda cuidado quando de sua transposição à práxis. (MAIA, 2012, p.75)

Após essa longa citação, podemos compreender que a tarefa da filosofia moral é exercer seu caráter negativo que pretende desvendar as aporias da moralidade, na sua dimensão teórica e filosófica, sem perder a esperança de estabelecer relações com a vida moral, ao mesmo tempo que considera que não há atalhos que levam a reflexão teórica para a vida moral prática.

Adorno concorda com Kant ao entender que a maioria política é a capacidade de fazer o uso do próprio entendimento, independente de padrões heterônomos do pensamento dominante. Porém, em certa medida, rejeita a definição kantiana de autonomia, que postula uma esfera puramente formal de interioridade

racional em que o sujeito auto-legislante está vinculado pela lei moral universal. Portanto, depreende-se que ao agir apenas de acordo com a lei moral abstrata o sujeito abandona o vivido, o material, a experiência; a individualidade estática e formal do sujeito kantiano está de certa forma em desacordo com as relações dinâmicas que definem os deveres na práxis.

As teorias morais mantêm relação direta com a moralidade e a práxis política que decorre em determinada situação social e histórica, disso infere-se uma questão inicial à reflexão kantiana sobre a moral: “o que devemos fazer?” (MAIA, 2012, p.75, apud, ADORNO, 2001). A resposta para essa pergunta não pode ser encontrada de maneira imediata, apesar de que na atualidade a busca pelas respostas diretas a essa questão “declina, enquanto se multiplicam as receitas de ação com base em modelos para serem mimetizados sem a mediação do pensamento, numa condição heterônoma e regredida” (MAIA, 2012, p.76). Por fim, a lei moral na forma da lei objetiva da liberdade formulada por Kant, o imperativo categórico, não diz respeito às leis histórico-sociais, mas ao que deve existir, o que pode implicar em imperativos ou modelos ideais moralizantes oferecidos sem antes serem refletidos criticamente em sua negatividade, dificultando uma transposição direta da ação teórica para a práxis política e emancipatória.

Ian McDonald (2011) em seu artigo “*Cold, Cold, warm: Autonomy, intimacy and maturity in Adorno*” ao se tratar do problema das aporias do conceito de autonomia kantiano, afirma que Adorno tenta corrigir esse conceito retornando o que a ele lhe falta, ou seja, “intimidade” ou “contato vivo com o calor das coisas” e não apenas o cumprimento do dever puro kantiano, mas uma experiência viva necessária para o processo de se tornar maduro.

For these reasons, Adorno’s notion of maturity is to be rigorously distinguished from Kantian autonomy. However – and this is the crucial point – Adorno does not simply set aside the Kantian concept of autonomy. On the contrary, he will try to correct it by returning to it what it lacks, namely, *intimacy* or ‘live contact with the warmth of things’. Thereby, he aims to restore to autonomy its ethical substance or lived ethical context, not as a mere stimulus or supplement to pure duty, but rather as necessary to the very process of becoming morally mature. Is this corrective gesture, Adorno provides us with a paradigm case of autonomy and maturity. (MCDONALDS, 2011, p. 3)

Feito essa ressalva frente as nuances do ideal de emancipação kantiano, retomamos a nossa reflexão sobre o desvio da formação (*Bildung*) que buscava através

da razão a emancipação do indivíduo mas sucumbiu à predominância da razão instrumental. Os pensadores da Escola de Frankfurt surgem com reflexões teóricas sobre a cultura no capitalismo avançado e a crise da formação (*Bildung*) e, além disso, articulam os processos de trabalho social vinculado ao processo de formação cultural. Na década de 1920, eles voltaram os olhares com veemência para as questões relativas à automatização da razão e à decadência da experiência formativa.

Para Adorno e Horkheimer, o ideal de uma sociedade iluminista e esclarecida, mais igualitária e justa, traz consigo um papel centrado na formação. Nessa sociedade esclarecida, o instrumento principal do homem seria a formação cultural (*Bildung*), compreendida enquanto um processo que possibilita o desenvolvimento do sujeito autônomo, tal qual podemos compreender através do conceito de *Maioridade* em Kant.

No entanto, o ideal iluminista de uma sociedade esclarecida não se cumpriu. A sociedade contemporânea, racional e esclarecida se converteu no seu contrário, ou seja, o ideal de emancipação na realidade atingiu um estágio de progressiva barbárie. Isso fica evidente na obra de Adorno e Horkheimer (1986), *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947 durante o exílio dos mesmos nos Estados Unidos, que tem como principal tema a contradição imanente ao progresso da razão. No mesmo ano de publicação do livro *Dialética do esclarecimento*, Max Horkheimer publicou sozinho o livro *Eclipse da razão*, que segue com as mesmas questões que havia desenvolvido com o seu amigo Adorno na *Dialética do esclarecimento*. De maneira detalhada, Horkheimer apresenta como a ascensão da burguesia ao poder acarretou num processo que a razão emancipatória foi progressivamente ofuscada na medida em que a dimensão instrumental da razão foi gradualmente potencializada. Horkheimer apresenta como isso ocorreu classificando a razão em dois tipos: *razão objetiva* e *razão subjetiva*.

Segundo Horkheimer:

razão subjetiva, relaciona-se essencialmente com meios e fins, com a adequação de procedimentos a propósitos mais ou menos tidos como certos e que se presumem auto-explicativos. Concede pouca importância à indagação de se os propósitos como tais são racionais (HORKHEIMER, 1976, P.13).

A razão subjetiva, portanto, se revela como a capacidade de calcular probabilidades e coordenar os meios corretos com um fim determinado.

Por outro lado, segundo Horkheimer o termo *razão objetiva* denota como essência uma estrutura inerente à realidade que por si mesma exige um modo específico

de comportamento em cada caso, seja uma atitude prática ou teórica. O termo razão objetiva pode também designar o próprio esforço e capacidade de refletir tal ordem objetiva.

No contexto de modernização e do avanço científico, conforme a razão subjetiva que visa meios para atingir fins se sobrepôs a razão objetiva, a burguesia pôde desenvolver através da ciência e da tecnologia, um novo modelo de sociedade, graças ao conhecimento que agora passou a ser compreendido como um instrumento de manutenção da sociedade capitalista, no entanto, esse processo acabou perdendo gradativamente seu potencial emancipatório. Esse modelo de compreensão do mundo científico que controla o mundo natural se resume também na indiferença por abordagens qualitativas, assim, a própria dominação do mundo através da racionalidade técnica comum à produção industrial encontra também equivalente na esfera cultural visando seus meios para atingir finalidades no universo mercantil.

Desse modo, a reflexão presente no *Eclipse da razão* mostra que diferentemente da modernidade clássica, o que prevalece na modernidade tardia é a razão instrumental, que pode ser compreendida como o instrumento para adaptação do homem ao capital. Assim, a razão instrumental se torna hegemônica e a razão emancipatória, responsável pelo desenvolvimento das potencialidades humanas através do processo de formação cultural (*Bildung*) é ofuscada.

Essa relação de cumplicidade entre a ciência e a cultura pode ser notadamente percebida através do desenvolvimento da *indústria cultural* e seu reflexo na vida social objetiva, enquanto ofuscamento da dimensão emancipatória.

Na *Dialética do esclarecimento* no capítulo intitulado “*A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*”, os autores apresentam a razão instrumental submetida à indústria cultural e, também como a relação da razão instrumental e a indústria cultural interfere na deformação da subjetividade. Segundo eles, os indivíduos estão sujeitos ao controle da indústria cultural, a vida é submetida às regras desse mecanismo, a racionalização técnica presente nesse contexto domina os diversos aspectos da vida. Assim, a indústria cultural assume um caráter ideológico quando preenche o tempo de descanso e lazer dos trabalhadores ao mesmo tempo vende produtos simbólicos da cultura.

Segundo Adorno e Horkheimer, a democratização da cultura promovida pela indústria cultural é uma farsa. Esse processo na realidade tem como consequência a decadência da produção cultural, onde a criatividade e a espontaneidade são retiradas e,



desse modo, a sociedade capitalista reproduz um abrandamento das mazelas do espírito, consequência da universalização dos produtos simbólicos que são fetichizados e consumidos em caráter mercantil.

O problema que esse processo carrega em si implica no atrofiamento da reflexão, pois o espectador não tem necessidade de refletir, já que os técnicos da indústria realizaram esse processo por eles, fornecendo-lhes através do rádio, da televisão, do outdoor, etc., seus produtos de consumo. Assim, não existe a necessidade de o indivíduo se esforçar para desenvolver sua autonomia através da experiência autêntica, pois o seu esforço deve ser utilizado no trabalho, na produção material e dessa maneira, a atividade intelectual é anulada, o indivíduo perde o poder de crítica quando usa do seu tempo livre ao consumir os produtos indústria cultural.

### 3. A semiformação como impeditivo da experiência formativa

Em 1959, Adorno escreveu o ensaio *Teoria da semiformação*, em que desenvolveu a tese a respeito da socialização em escala de massa da *Halbbildung* (semiformação) em detrimento da *Bildung* (formação cultural). Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*, demonstraram como no progresso do esclarecimento da razão os indivíduos estão sujeitos ao seu declínio, sendo assim, os princípios da *Bildung* acabaram se convertendo em *Semiformação*, ou seja, a possibilidade da formação cultural se transformou numa socialização de elementos culturais heterônomos e alienados que dissociou da cultura a implantação das coisas humanas e se absolutizou enquanto valor econômico de bens culturais.

O termo *Halbbildung* (semiformação) é de origem alemã e composto pela junção das palavras *Halb* e *Bildung*. Ao traduzir separadamente as partes dessa palavra temos o seguinte: *Halb* que significa metade, e a tradução de *Bildung* que seria formação cultural. Segundo Adorno o sentido da tradução da palavra *Halbbildung*, significa que ela carrega um momento de falsidade - “*Halb*” (metade) – e um momento verdadeiro – “*Bildung*” (formação cultural) – ou seja, para Adorno a formação pela metade não pode ser considerada uma verdadeira formação porque “o entendido e experimentado medianamente – semientendido e semiexperimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal” (ADORNO, 2010, p. 29). Para Adorno, os elementos que penetram na consciência sem ter uma continuidade acabam por se transformar em “substâncias tóxicas” e superstições, e assim se constituem como

elementos formativos inassimilados que “fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação” (ADORNO, 2010, p. 29). Portanto, quando se trata da experiência formativa não existe meio termo, pois na atividade do espírito não existe um meio caminho para a formação cultural, mas um avanço no sentido da semiformação. Desse modo, existe um processo de falsa formação, ou seja, a semiformação que é o oposto da formação (*Bildung*) é um processo de apropriação subjetiva do sujeito.

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Desse modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas sua rusticidade – a velha ficção – preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (ADORNO, 2010, p.9)

Adorno afirma em seu texto que a ideia de cultura não pode ser sagrada, pois isso a reforçaria como semiformação. Para Adorno, a sacralização da cultura é o mesmo que transformá-la em valor, e nesse caso, a cultura é compreendida como possuidora de valor de troca e poderá trazer um benefício para aquele que a possuir. Nas palavras do autor: “Por fim, na linguagem da filosofia pura, a cultura converteu-se, satisfeita de si mesma, em um valor” (ADORNO, 2010, p.10). Neste sentido, nos encontramos diante de uma cultura que é consumida como outros produtos mercantis, que podem ter ou não uma relação com os bens culturais, mas nesse caso a própria cultura ligada às condições de mercado consolida as relações sociais em função da escala produtiva ditada pela indústria cultural.

Para Adorno a cultura que se encontra estática, acaba sendo tida como um bem inquestionável e acima do poder dos homens, pois seu verdadeiro sentido e conteúdo se esvaiu junto com a falta de coesão entre a produção cultural e o todo social, se tornando um fim em si mesma.

Walter Benjamin analisou historicamente o declínio da experiência no século XX. Em seu texto *Experiência e Pobreza* ele detecta o empobrecimento da experiência, pela constatação da incapacidade de produzir-se narrativas na modernidade. Ao fazer a análise posterior aos fatos da Primeira Grande Guerra afirma que:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, uma paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1933, p.1, grifos meus)

Após essa longa citação, podemos notar que para Benjamin (2012), *a arte de narrar estava em vias de extinção*, e isso trazia consequências para o plano da experiência, testemunhando o silenciamento dos indivíduos que sofrem com o vazio existencial na modernidade, engolidos pela primazia da razão instrumental em detrimento dos próprios seres humanos. O *boom* tecnológico que acompanhou a Primeira Grande Guerra deixa evidente que uma tecnologia que não é subjugada à reflexão pode ser utilizada para fins de dominação e extermínio em massa, tanto de humanos quanto da própria natureza.

É muito difícil que um sujeito semiformado, que se conforma com a realidade existente, integrado a lógica de mercado e aos produtos culturais, seja capaz de se libertar e experimentar a cultura conscientemente. Essa dificuldade se deve ao fato de que no sistema capitalista os homens relacionam uns com os outros por meio das trocas mercantis, e por isso o sujeito se encontra numa condição em que a sua cultura foi contaminada pelas determinações do mundo das mercadorias, que para superá-la ele deve resistir à sua reificação.

Portanto podemos perceber que na concepção de Adorno, um indivíduo adquire a formação através da interação ativa com o mundo e com a cultura do todo social do qual pertence. A semiformação é um substitutivo da experiência que foi destruída:

o semiformado transforma, como que por encanto, tudo que é mediato em imediato [...] a semiformação, como consciência alienada, não sabe da relação imediata com nada, senão que se fixa sempre nas noções que ela mesma aporta às coisas. (ADORNO, 2010, p. 36)

A semiformação representa a incapacidade do indivíduo realizar/viver experiências e a indústria cultural trabalha através de estímulos planejados objetivamente como por exemplo, podemos constatar através dos mecanismos de propagandas que condicionam as reações dos indivíduos. Esse processo de condicionamento das reações produz indivíduos coisificados e facilmente manipuláveis. Os indivíduos semiformados, de ego fragilizado, são limitados às possibilidades que a indústria cultural oferece, tendo em vista que ela dificulta a reflexão e a experiência.

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero. (ADORNO, 2010, p.33)

As inovações tecnológicas e os novos recursos da mídia passaram a cumprir um papel crucial na vida dos indivíduos, alterando as suas formas de pensar e de agir, e além da semiformação ser uma fraqueza em relação ao tempo e à memória: “a semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial” (ADORNO, 2010, p.25).

A importância do tema da experiência na obra de Adorno e a sua relação com a educação se evidencia no debate radiofônico com seu colega Becker que foi organizado no livro *Educação e Emancipação*, intitulado *Educação após Auschwitz*. No início do texto Adorno apresenta a sua exigência máxima para a educação que precede qualquer outra: “Que Auschwitz não se repita” (ADORNO, 1995, p. 119). Para Adorno, a questão da experiência mantém necessariamente uma relação com a elaboração do passado. Assim, a exigência de que Auschwitz não se repita também necessita de uma elaboração do passado se relacionando com uma interação viva com a experiência formativa que se articula de forma orgânica com a elaboração do passado e com a morte da memória.

Nesse sentido, no texto *O que significa elaborar o passado?* Adorno trabalha com a ideia da elaboração do passado como meio de lidar com a memória das atrocidades do nazismo na Alemanha. Para Adorno, é assombroso o fato de que as atrocidades cometidas pelo regime nazista possam ser esquecidas e por isso lidar com a elaboração do passado significa estar atento a essas questões não só na Alemanha mas no mundo todo.

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz acaba sendo obscurecida pelo fato de que é necessário criar consciência desse elemento desesperador sem cair na visão retórica idealista. Sem o desenvolvimento da reflexão e da memória, dificilmente, no presente, podemos fazer uma análise do passado. No ensaio *Teoria da semiformação* Adorno demonstrou como a semiformação traz graves implicações no que diz respeito ao tempo e à memória:

A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo (ADORNO, 1972b, p. 230), à memória, única mediação capaz de fazer na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. Não é por acaso que o semiculto faz alarde de sua má memória, orgulhoso de suas múltiplas ocupações e da conseqüente sobrecarga. (ADORNO, 1995, p. 33)

Sem memória não é possível fazer uma síntese consciente da experiência cultural, e dessa forma, essa questão pontual é determinante sobre o propenso esquecimento do passado, como uma tentativa autojustificada que quer se desvencilhar do peso que o passado horrorizante representa na consciência humana. O caráter insuportável diretamente relacionado com o sofrimento das vítimas do nazismo quando negada em sua elaboração, reforça a não percepção e o embrutecimento do sujeito, nas palavras de Adorno: “Haveria que subtrair aos assassinados a única coisa que nossa impotência pode lhes oferecer, a lembrança”(ADORNO, 1995, p. 32).

A relação que o indivíduo estabelece com o passado é uma relação histórica. Essa questão é discutida por Benjamin (1993), na qual ele constata que o passado é uma fonte inesgotável de experiência e, devido a esse fato, a sua elaboração é fundamental. No que diz respeito a Adorno, o filósofo é claro ao afirmar que a experiência é produzida historicamente e isso se evidencia quando ele escolhe Auschwitz como um marco significativo na história para falar sobre o papel da educação

A referência à experiência [...] é uma relação com toda a história; a experiência meramente individual, que a consciência toma como ponto de partida por sua proximidade, é ela mesma já mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica (ADORNO, 2003, p.26)

Quando Adorno se refere à tragédia histórica de Auschwitz, ele deixa claro que o simples fato de Auschwitz ter acontecido representa a impossibilidade de viver uma experiência verdadeira. Adorno e Benjamin veem na barbárie representada através de

Auschwitz tudo o que a humanidade representa, no que diz respeito a decadência da cultura, à morte da narração e a precariedade da comunicação.

Assim, a reflexão crítica é imprescindível para a elaboração do passado e a experiência para a formação. A formação pressupõe a possibilidade de vivenciar experiências autênticas em que o indivíduo se reconhece no processo de individuação. Desse modo fica claro que para Adorno, a formação representa o oposto da semiformação tendo em vista que o processo de formar desde a sua origem nega os pressupostos que constituem a semiformação. O fato de que a auto-reflexão é um processo típico da formação da consciência do indivíduo evidencia a negação da semiformação e, portanto, a experiência é compreendida enquanto processo de adaptação e negação das condições objetivas de submissão à semiformação. A organização social em que vivemos continua sendo heterônoma e nisto reside a dificuldade tão imensurável de que possamos agir conforme nossas próprias determinações. Enquanto isso ocorre, a sociedade forma as pessoas de tal modo que elas absorvem tudo e aceitam passivamente o que é dado dentro das conformações de heteronomia distorcendo a consciência. Isso ocorre dentro de instituições e até mesmo no que diz respeito à educação política, então, o desafio que se coloca em relação à emancipação é: como podemos alcançá-la? Além disso, quando pensamos na formação cultural no Brasil cujo ideal de *Bildung* não se aplica de modo imediato, surge a seguinte dificuldade: se mesmo na Alemanha que teve na sua raiz uma proposta formativa para a emancipação e acabou experienciando a barbárie nazista, no Brasil, cujo índice de aprendizagem se destaca por estar entre os piores países do mundo, como evitar os processos danificatórios da semiformação e o seu impacto na educação?

Para respondermos a essas questões seria necessário mais estudos detalhados sobre o tema da formação no Brasil, mas vale ressaltar que o objetivo que aqui nos propomos não está pautado na realização de estudos de caso de alguma escola ou instituição específica. Adorno em seu diálogo com Becker ressaltou a importância e a necessidade das pesquisas se voltarem para a realidade escolar através da análise psicossocial, e por assim dizer, a sua filosofia tem muito a nos revelar, no que diz respeito às pesquisas pedagógicas sob o olhar da Teoria Crítica da educação. Assim, nos detemos principalmente nas questões filosóficas de Adorno para pensarmos nos problemas relacionados ao conceito de semiformação e a sua deturpação da formação, tendo em mente a tentativa de compreender as diversas maneiras em que isso se apresenta na realidade educacional.

Como bem podemos acompanhar nesse trabalho, numa sociedade em que prevalece a racionalidade instrumental e o poder ideológico da indústria cultural, a dimensão crítica da cultura que poderia garantir a emancipação, se desvincula da ação social quando cede lugar para a semiformação. Isso resulta a necessidade de uma educação – em termos emancipatórios – que privilegie a autorreflexão crítica sobre o processo de semiformação da sociedade que ela se converteu.

Portanto, a experiência e seu enfraquecimento na modernidade é um tema fundamental para entendermos o processo de descaracterização que sofreu o indivíduo na contemporaneidade. Reduzido às práticas educacionais e culturais que obedecem a uma racionalidade instrumental, este indivíduo cada vez menos tem a possibilidade de possuir uma identidade que seja autêntica e de uma educação que se preocupe com uma formação cultural verdadeira, que não se limite ao mero ajustamento às relações com a vida em sociedade.

#### 4. Conclusão

No decorrer deste trabalho, podemos compreender como o ideal de formação (*Bildung*) que os idealistas alemães acreditaram se realizar, na modernidade acabou por se converter em impasses ocasionados pela *razão instrumental* e a *semiformação*. Isso por sua vez implica no impedimento do indivíduo em atingir a maioria intelectual e vivenciar experiências, tal como estas puderam ser compreendidas por nós nos termos da formação cultural (*Bildung*).

A primazia da razão subjetiva sobre a razão objetiva anulou o caráter objetivo da razão, comprometendo os potenciais de emancipação do indivíduo, levando-o ao seu declínio. Esse processo impede a realização da formação autônoma dos indivíduos, tal como esta foi desejada por Kant e Adorno no que diz respeito aos preceitos da formação (*Bildung*).

As determinações sociais que os sujeitos inseridos nesse processo da razão instrumental e da indústria cultural tendem a se ajustar, representam seu condicionamento em abrir mão de suas experiências autônomas, não produzindo nada de inovador, ou seja, apenas reproduzem o padrão de identidade da indústria cultural que modela e determina os seus gostos como produtos do mercado a serem consumidos. As determinações da subjetividade dos sujeitos ficam à mercê de certo modo de

produção cultural na sociedade capitalista, sobretudo na sociedade de capitalismo tardio, que gera a reprodução de sujeitos de consciência reificada.

Portanto, vemos que a redução do pensamento e da resistência individual trazida pelos mecanismos econômicos e culturais do industrialismo moderno, torna a emancipação humana mais difícil de se realizar. Esse processo de decadência do indivíduo está atrelado aos fenômenos ligados à anulação da experiência, assim, seus potenciais de emancipação são comprometidos quando os indivíduos aderem a funções heterônomas, anulando seu potencial formativo almejado pelo ideal de formação (*Bildung*).

A partir do diagnóstico da discussão teórica colocada no presente trabalho, entendemos que um ideal de formação humana em sua plenitude não se realiza através da primazia da racionalidade técnica, instrumentalizada para atingir metas de profissionalização e emprego dos indivíduos nas esferas dos meios de produção, bem como sua adaptação ao mercado consumidor. Para além disso, devemos nos preocupar com uma educação que leve em consideração o saber-pensar, refletir e expressar, de forma a valorizar as experiências de cada indivíduo ao longo de sua história, desde a infância até o momento presente, considerando estes mesmos indivíduos como sujeitos da história.

Por fim, a educação em sua função isolada, não tem o poder de resolver a instabilidade social, mas é através dela que existe a possibilidade de desenvolvimento da consciência crítica, para que esta seja capaz de reconhecer os mecanismos que produzem para despertar o desejo humano, que mesmo de maneira singela, mas, capaz de refletir condições mais dignas. No que diz respeito a uma tarefa importante dos educadores que desejam trabalhar uma pedagogia que visa a emancipação nos termos da Teoria Crítica, é imprescindível o direcionamento dos educandos a uma educação para a contradição e para a resistência. A consciência crítica inconformada se volta para as relações sociais permitindo que o sujeito em determinados contextos saia do seu momento meramente adaptativo, já que numa democracia é possível nos opormos ao que está posto, como um processo que visa promover a emancipação política através da crítica à semiformação.



## Referências

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Prismas: Crítica Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O ensaio como forma*. In: Notas de literatura I. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades . Ed 34. 2003.
- ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. 2, ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*/Walter Benjamin. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas, v.1)
- BOLLE, W. *Infância, escola e modernidade*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná. 1997.P. 9-33.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: editora Unesp, 2015.
- HUSSAK, P. Arte, experiência e não-identidade em Theodor Adorno. In: *Educação Estética: de Schiller a Marcuse*. Pedro Hussak e Vladimir Vieira (org.) Rio de Janeiro: NAU: EDUR, 2011.
- KANT, I. *Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?* Trad. Raimundo Vier. In: Kant: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MAIA, F. A. *As aporias do conceito de autonomia: contribuições pontuais para a educação emancipatória*. Teoria crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos. Campinas, SP: Autores associados. 2012
- MACDONALD, I. (2011). *Cold, cold, warm: Autonomy, intimacy and maturity in Adorno*. *Philosophy & Social Criticism*, 37 (6), 669–689. In: <https://doi.org/10.1177/0191453711402940>

Recebido em: 11/12/2018

Aprovado em: 07/05/2019